

Função Leitor:

**Walter Evangelista**

### **Tema 3**

#### **A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea**

Eu agradeço a todos os meus amigos do comitê executivo do segundo encontro mundial dos Estados Gerais da psicanálise, que tornaram possível a minha presença aqui e agora. Eu me permito nomear especialmente a Joel Birman, que está possibilitando este encontro com tantos amigos.

Só me foi materialmente possível ler o texto de Luiz Alberto Hanns, o qual exprime a proposta ou apresenta o projeto, por ele liderado, de se fazer uma nova tradução brasileira das obras de Freud. Salta aos olhos a importância de que possamos ter, em português, uma nova tradução da obra de Freud. Salta igualmente aos olhos que um tal empreendimento dependa de uma complexa rede de negociações políticas financeiras ideológicas, uma complexa rede de negociações na qual os Estados Gerais da Psicanálise, ou seja, nós, que nos encontramos aqui e que estamos assumindo a responsabilidade de falarmos em “nome próprio” em que, repito, os Estados Gerais da Psicanálise podem desempenhar um papel decisivo. Por favor, os que ainda não puderam ler este texto, que o façam, em meu nome, Walter Evangelista.

Como mostra muito claramente o Luiz Alberto Hanns, seja qual for o detalhe considerado no essencial, estamos de acordo quanto à referência ao texto de Freud. Se é verdade, e eu penso que assim o é, se é verdade que não podemos transigir quanto aos conceitos teóricos em sentido forte - inconsciente, recalçamento, sexualidade infantil - é também verdade que devemos conseguir negociar ideologicamente nossas diferenças.

Como disse meu amigo Vincenzo di Matteo, se vamos falar em nome próprio, nós queremos, também, ser ouvidos. Quero sublinhar um aspecto do que nos diz Luiz Alberto Hanns e sua equipe, que me tocou mais profundamente. É uma palavrinha que está no meio do texto dele quando ele diz que “existe, hoje, um excepcional aparato crítico, que pode tornar possível uma tradução brasileira das obras de Freud”. Ora, e agora sou eu quem o diz, esse excepcional aparato crítico, ao qual se refere o Hanns, pode ser discutido entre outros lugares possíveis, aqui e agora nesse encontro dos Estados Gerais. A minha tese é que, nesse excepcional aparato crítico de que dispomos, estão contidos elementos decisivos do arsenal filosófico de Louis Althusser. Indo ao essencial, está contida uma posição materialista em filosofia.

Eu poderia, e espero não fazer isto, me alongar na explicitação desse aparato conceitual de Althusser ou lacaniano; eu estou com dificuldade se eu devo entrar por aí ou não. Eu não vou fazê-lo porque acho que os cansaria inutilmente. Acho que nós temos que prosseguir e ir ao essencial. Se bem que me permito dizer que eu, pessoalmente, estou profundamente tocado pela forclusão do nome de Louis Althusser e da obra de Louis Althusser. Essa tese da forclusão do nome da obra de Louis Althusser não é minha, estou retomando, mas, realmente, esse silêncio “sepulcral” sobre Louis Althusser... eu escuto este silêncio sepulcral, eu sou da turma dos vampiros, quer dizer, eu escuto esse

silêncio sepulcral. Esse silêncio sepulcral me incomoda. Eu não posso deixar de falar de Althusser porque eu sou althusserien, é... então eu vou tentar fazer economia do nhen nhen Althusser-laciano o que para mim seria uma questão essencial que é, por exemplo, quando o Hanns dá um exemplo dos equívocos, das dificuldades de tradução da obra de Marx e que ele pega, entre outros, mas que ele pega vou pegar, pinçar, uma questão quando ele pega o exemplo Versagung - me desculpem o alemão “capenga”, não é, que aparece em português normalmente como frustração e descarga. Quando ele mostra que Abfuhr em português, e aqui está meu ponto preciso, não tem o sentido de descarga no sentido de disparo, rajada, esvaziamento abrupto, enforcamento da mulher, por exemplo, assassinato. Que essa descarga não tem, essa Abfuhr não tem o sentido de descarga, mas sim, ao contrário, esse ao contrário é do Hanns, mas, ao contrário, um “escoamento processual”, um escoamento processual. Eu pergunto, eu não posso deixar de perguntar, a Luiz Alberto Hanns, se isso, esse escoamento processual, se isso não permitiria repensar a passagem de Freud, do princípio de inércia, constância, ao princípio de nirvana, que está contido na pulsão de morte? O princípio de nirvana, na medida em que se pensasse o nirvana como um “escoamento processual” e não como uma “descarga abrupta”. Ou seja, se não poderia nos ajudar a “colocar” melhor o problema econômico, o problema do conceito de “econômico” que perpassa, de modo decisivo, a obra tanto de Freud quanto de Marx. Muito obrigado. É este o meu ponto.